

Economia Brasil



PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

Vasto mundo

• Nada ficou no lugar. O verso da música popular descreve o efeito no Brasil dos ventos da globalização. O Brasil tinha uma economia fechada, cartelizada e estatizada. Os empresários pediam vantagens fiscais, financeiras e tarifárias, para a "defesa da indústria nacional". Até as multinacionais aqui erguiam barreiras à entrada. O preço de manter essa elite era pago em menos impostos, empréstimos a juros negativos e ineficiência.

Bastaram cinco anos para mudar radicalmente essa paisagem econômica do Brasil, que foi montada em 40 anos de projeto autárquico. Manter esse modelo ficara impossível num mundo que se dedicava, a partir de 89, a derrubar muros. A indústria automobilística era o mais perfeito dos cartéis da economia brasileira. Seus preços subiam todos no mesmo percentual, depois que o Governo carimbava suas planilhas de custos. A ausência da competição era aceita como a lógica do capitalismo à brasileira. Tudo era visto com tanta naturalidade que ninguém estranhou quando as duas maiores montadoras - uma alemã e a outra americana - resolveram ir além de apenas combinar preços. Viraram uma só.

Hoje, a Autolatina cindiu-se, a Fiat passou a ser a segunda montadora do país e acaba de lançar o primeiro carro mundial no Brasil. Trinta grupos estrangeiros estão chegando ao setor de autopeças brasileiro, que antes se dizia falido. A maior empresa do setor de varejo do mundo, a Wal Mart, desembarcou em Osasco e inicia lá uma revolução que está sacudindo o setor. Na linha branca, a Brasmotor que costumava comprar as concorrentes, como fez com a Semer e a Consul, sabe que terá que dividir seu mercado com a Eletrolux, a Bosch, a Samsung e a CCE.

A ilusão tupiniquim de reinventar o computador acabou, as melhores empresas de informática se associaram a grupos estrangeiros. As ineficientes morreram e ninguém sente falta. Hoje computadores modernos e baratos são ao mesmo tempo um eletrodoméstico e a janela para o vasto mundo da informação. A indústria demitiu 25% da sua força de

trabalho em cinco anos, exigência inevitável, apesar de dolorosa, de uma economia que corta custos e não apenas os repassa para o consumidor. Os preços dos produtos mais expostos à competição despencaram, a qualidade aumentou e as vendas subiram.

Uma espantosa discussão dos anos 80 mostra como o país perdia tempo. A americana Reynolds quis fabricar latas de alumínio no Brasil. A CSN se sentiu ameaçada porque produz matéria prima para outro tipo de latas. Trinta anos antes o Brasil tivera a mesma discussão e barrara a vinda da American Can. Hoje a Reynolds (Lata) está no sul de Minas e três outras estão chegando. Já a CSN continua vendendo e muito sua matéria prima.

O nacionalismo que a elite invocava à cada ameaça não a comprometia com o progresso do país. As empresas quase não investiam em treinamento de pessoal. Hoje esses programas estão se multiplicando. Não por generosidade mas por exigências da sobrevivência na nova ordem.

Basta olhar a economia para encontrar sinais desse mundo novo. Quem tentasse falar com o executivo Gianni Grisendi no começo da semana passada descobriria que ele estava na China. Ele mora em São Paulo e de lá dirige a Parmalat em dez países do mundo. Para ele as fronteiras nacionais são uma ficção. Mas bandeira ele tem. É a verde, do Palmeiras.

Lester Thurow no seu último livro "The Future of Capitalism" compara os processos de globalização a um terremoto. É isso que está acontecendo agora. Quem acompanha a economia brasileira descobre mudanças diariamente. Nada parece querer ficar no lugar.